

Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

Estudos Históricos

**Referências e inventários de jardins históricos do campus
Fiocruz Manguinhos**

Separata Jardins Pavilhão Arthur Neiva e LAFA

Dezembro 2021

PESQUISADORA:

Inês El-Jaick Andrade

INSTITUIÇÃO:

Fundação Oswaldo Cruz

DEPARTAMENTO:

Departamento de Patrimônio Histórico – Casa de Oswaldo Cruz

ENDEREÇO:

Avenida Brasil, 4365 – Anexo do Relógio, 1º pavimento, sala 01 - Manguinhos, Rio de Janeiro - CEP: 21040-360

RELATÓRIO:

Estudos Históricos - Relatório de pesquisa - dezembro de 2021

Ficha catalográfica

ANDRADE, Inês El-Jaick.

Referências e inventário de jardins históricos do *campus* Fiocruz Manguinhos. Separata Jardins do Pavilhão Arthur Neiva e LAFA/ Inês El-Jaick Andrade -- Rio de Janeiro, 2021.
24f.

Relatório. Departamento de Patrimônio Histórico - Casa de Oswaldo Cruz - Fundação Oswaldo Cruz.

1. Jardins Históricos 2. História do paisagismo 3. Preservação
I. Título

1. Composição Paisagística do Jardim do Pavilhão Arthur Neiva

A. IDENTIFICAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

Outras denominações: Jardins do antigo Pavilhão de Cursos; Gleba 13 - canteiro 01 (Dirac/Fiocruz)

Tipologia: Jardim associado a edificação de saúde

Estilo: Composição paisagística modernista

Período de construção: ca. 1954

Área: 8.340,00m²

Autoria: Roberto Burle Marx (1909-1994).

B. DADOS HISTÓRICOS

O jardim do Pavilhão de Cursos (atual Arthur Neiva) foi projetado por Roberto Burle Marx juntamente ao painel de azulejos que reveste o bloco do auditório da edificação. Foi um presente para seu amigo, o arquiteto Jorge Ferreira - autor do projeto do pavilhão.

Em pesquisa no arquivo do escritório Burle Marx & Cia. Ltda. foi identificado um projeto paisagístico, assinado por Burle Marx, para o pavilhão que data de 1949, portando dois anos após a inauguração do pavilhão. Nesse projeto era prevista a construção de um outro pavilhão em lâmina, identificado apenas como "indústria", oposto ao Pavilhão de Cursos. O desenho indica um acesso de ligação com a Avenida Brasil de traçado sinuoso, sem representação de muro ou gradil, e com dimensões compatíveis para receber a circulação de veículos e pedestres. Esse acesso conduzia diretamente a um estar central, entre os dois pavilhões, arrematado por um grande espelho de água de linhas sinuosas contendo caixas de canteiros. A solução técnica desses canteiros, bem como a distribuição formal de quatro fileiras de palmeiras, apresenta similaridades com o jardim ordenado de influência concretista e neoconcretista do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1953). Nos fundos do Pavilhão de Cursos foi idealizado um jardim formado por um grande canteiro em forma de ameboide. Um grupo de canteiros de linhas sinuosas e palmeiras enfileiradas, na divisa do terreno com a Avenida Brasil, complementam a composição. Esse tratamento paisagístico não chegou a ser implantado.

Supõe-se que o novo projeto de Burle Marx, de proporções e soluções mais modestas, tenha sido executado no início da década de 1950 (c.1954). Também é do final da década de 1950 a construção de um muro e portão de acesso voltados para a Avenida Brasil, na entrada do pavilhão. Esse acesso foi posteriormente fechado, mas as fotos indicam que esse foi a primeira intervenção na composição original. Foi criado um passeio estreito e irregular na superfície gramada no jardim frontal, bem distinto da solução idealizada por Burle Marx. Cogita-se que o fechamento desse acesso ao pavilhão pode ter sido consequência da construção (entre 1965 e 1970) do viaduto de Bonsucesso. Essa obra de infraestrutura urbana causou um aumento do trânsito na região e grande impacto no campus de Manguinhos (OLIVEIRA; COSTA; PESSOA, 2003). Inclusive, o viaduto e a passarela foram ainda responsáveis pela perda da área do Instituto, próxima ao Pavilhão e a Rua Sizenando Nabuco, para que se construísse a alça de acesso do viaduto do terreno, na margem da Avenida Brasil.

C. DESCRIÇÃO

Elementos arquitetônicos: O espaço construído arquitetônico delimita espacialmente o jardim e tem suas características – encontro e permanência em baixo dos *pilotis* - reforçadas pelo jardim. Destaca-se que na composição original não estava previsto mobiliário urbano. No século XXI foram introduzidos bancos no canteiro da rotunda e placas informativas.

Elementos ornamentais: Na composição paisagística original não constavam elementos escultóricos (bustos ou esculturas) no jardim. O painel de azulejos do corpo do auditório era a obra artística singular a ser destacada.

Elementos vegetais: A pesquisa identificou nas fotos mais antigas o repertório vegetal estruturado por grandes superfícies gramadas – supõe-se o emprego de grama-batatais, por essa espécie ser nativa e muito resistente – e por composições intercaladas por grupos de forrações (*Philodendron bipinnatifidum*) e arbustos (*Agave angustifolia* e *Agave attenuata*) de cores distintas e pontuadas por árvores de grande porte.

Descrição do conjunto: A composição paisagística original do Pavilhão Arthur Neiva se desenvolve em dois cenários: o da Av. Brasil e do pátio do pavilhão. Apesar de utilizar a mesma linguagem pictórica na seleção das formas e texturas dos canteiros, a composição acaba por invocar duas experiências estéticas diferentes (ou intenções de projeto) com programas de necessidade distintos. O lado voltado para a avenida é coberto por uma ampla superfície gramada que se estende da divisa do terreno até o bloco do pavilhão. Nesta é pontuada a presença, de pelo menos, um canteiro em ameboide de forração clara. É possível imaginar o impacto visual causado aos que trafegavam pela avenida pelo contraste entre os tons de verde e o conjunto de painéis em tons de azul. Ao distanciar-se do cenário da avenida, o canteiro delimitado pelos planos verticais do pavilhão e pela aleia de árvores de grande porte (no limite da composição) forma uma espécie de "pátio interno". As varandas do segundo pavimento e as áreas livres dos pilotis estão voltadas para esse pátio, convidando a uma atmosfera de convivência e encontro entre os alunos e professores do pavilhão. Apesar do canteiro ter uma forma simples de rotunda de circulação, pode ser observada uma variedade de formas abstratas de manchas de forração. Também é possível identificar oito indivíduos de árvores de grande porte que pontuam simetricamente as extremidades desse canteiro. Não são observados mobiliários urbanos na composição, levando a crer que a intenção era que as atividades de convivência seriam praticadas ao redor do canteiro e na área dos pilotis e nas varandas.

Espécies arbóreas significativas: Jambolão (*Syzygium jambolanum*), Bambu (*Bambusa vulgaris vitatta*) e Jasmim-manga (*Plumeria rubra*).

Fauna: Podem ser observados insetos, pequenos mamíferos (cachorros, gatos e ratos) e répteis (calango). Segundo levantamento realizado no final da década de 1990 (CHACEL: 1996) a área do *campus* Fiocruz Manguinhos abrigava aves (gavião-carrapateiro; maritaca; gavião-carijó; sabiá-laranjeira; tico-tico; bem-ti-vi; tiê-sangue; sanhaço; beija-flor; cambacica; cambaxirra; rolinha; pardal; trinca-ferro; bico-de-lacre; siriri; tizil; canário da terra; coleiro; avinhado/curió; viuvinha; e coruja-buraqueira), répteis (contra limpa campo; calango; teju; lagartixa; e anfisbena), anfíbios (sapo; e rã) e mamíferos (gambá; morcego; sagui; e rato).

Atributos: Valor documental e histórico, pois os elementos arquitetônicos e os elementos vegetais formam uma unidade inseparável. É considerado um bem de interesse para preservação reconhecido pelo DPH como jardim histórico (IBAM, 2011).

Elementos característicos: Superfície gramada; canteiro em ameboide; e aleia de árvores pontuando o canteiro na forma de rotunda.

Observações:

O jardim segue características semelhantes de outro projeto de Burle Marx para uma edificação modernista, também executado no Rio de Janeiro no final da década de 1950: os jardins do Instituto de Puericultura da Universidade do Brasil (UFRJ). Esse projeto guarda outras semelhanças essenciais: o de ser uma edificação voltada para a saúde, possuir um painel de azulejos executado pela Osiarte e de apresentar uma solução semelhante para o jardim da frente da edificação - voltada para uma via arterial - e uma solução mais intimista voltada para o pátio no interior da edificação.

D. ELENCO VEGETAL

O espaço verde teve uma conformação florística bastante variada ao longo da sua existência contendo, atualmente, poucos vegetais que poderiam se relacionar ao projeto original de Burle

Marx. A partir da documentação levantada, a composição paisagística original parece ter permanecido íntegra até a década de 1970, mas os jardins do pavilhão sofreram muitas alterações significativas.

Com o decorrer do tempo, as introduções e a falta de manutenção fizeram com que as espécies arbustivas e arbórea originais fossem aos poucos desaparecendo, a superfície gramada e de suas manchas de forração foram suprimidas. Outras espécies foram introduzidas à composição, fossem espontaneamente ou por ação humana (como exemplares de *Psidium guajava*, *Syzygium jambolanum* e *Duranta erecta aurea*). Apesar de alterado, encontra-se em bom estado de conservação.

A transformação do canteiro em rotunda na atual Praça Carlos Chagas (antiga Praça César Pinto) colaborou para mascarar a premissa da composição original. O desenho do canteiro não permite um aproveitamento adequado da área como espaço de lazer. Por conta de sua localização, esse canteiro do pátio está exposto a um intenso fluxo de veículos no entorno, o que compromete sua utilização como espaço de lazer. Assim, a praça se torna um espaço de passagem e não de permanência. Os bancos desse espaço estão embaixo de uma frondosa árvore de jambolão (*Syzygium jambolanum*) cuja coloração dos frutos provoca manchas nas superfícies. A supressão da superfície gramada do canteiro frontal, associada a introdução de uma extensa bordadura de arbustos (*Duranta erecta aurea*), também prejudica a leitura do conjunto arquitetônico e da sua obra de arte integrada - o painel de azulejos.

E. QUADRO TEMPORAL

Década de 1940

1946- Início da construção da Avenida Brasil, uma variante da autoestrada Rio-Petrópolis construída para ligar a capital à cidade serrana.

1947 – Abertura do trecho da Avenida Brasil entre São Cristóvão e Manguinhos. Início da execução do projeto arquitetônico do Pavilhão de Cursos (atual Pavilhão Arthur Neiva). As fotografias analisadas no acervo do DAD/COC, que testemunham os serviços de abertura de ruas (c.1947), mostram uma paisagem com arborização muito rarefeita e sem tratamento paisagístico no entorno da edificação. O terreno da instituição era delimitado da autoestrada por cercas.



FONTE: DAD/COC/FIOCRUZ

Década de 1950

1950- Início da execução das obras de duplicação da Avenida Brasil.

1952 – Burtle Marx elabora o projeto dos jardins do Instituto de Puericultura (atual Instituto de Pediatria e Puericultura Professor Martagão Gesteira (IPPMG), primeira unidade a funcionar na Cidade Universitária da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro (1953). A Cidade Universitária foi originada do aterro do arquipélago de nove ilhas, próximas a Manguinhos e à Avenida Brasil.

1953- Burtle Marx projeta o Jardim do Aeroporto da Pampulha, em Belo Horizonte.

1954- Conclusão da duplicação da Avenida Brasil. As fotografias analisadas no acervo do DAD/COC registram a existência de um muro e portão de acesso do Pavilhão de Cursos para a avenida recém-

inaugurada (c.1954). Esse acesso foi posteriormente fechado. É provável que o tratamento paisagístico tenha sido executado concomitantemente a essa obra sem, no entanto, ter sido levado em conta o novo fluxo de pedestres na composição.

1954 – Burle Marx projeta o ajardinamento do "Park-Way" da Praia de Botafogo, Rio de Janeiro

1955 – Burle Marx projeta o paisagismo do Hospital Sul América da Fundação Larragoiti (atual Hospital da Lagoa) e os jardins do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM, ambos no Rio de Janeiro.



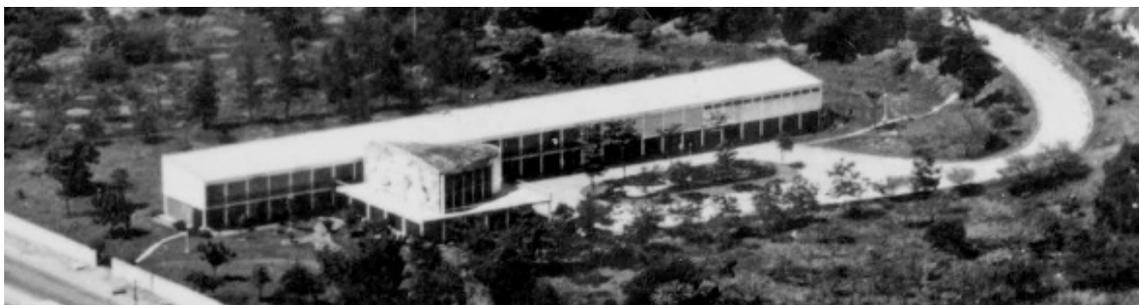
Fonte: DAD/COC/FIOCRUZ

Década de 1960

1961 - Burle Marx projeta o paisagismo do Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro.

1965- Início das obras de construção do viaduto de Bonsucesso (1965-1970). Essa obra de infraestrutura urbana causou um aumento do trânsito na região e grande impacto no *campus* de Manguinhos (OLIVEIRA; COSTA; PESSOA, 2003). O viaduto e a passarela foram ainda responsáveis pela perda da área do Instituto, próxima ao Pavilhão de Cursos e a Rua Sizenando Nabuco, para que se construísse a alça de acesso do viaduto do terreno, na margem da Avenida Brasil.

1966- Uma fotografia analisada do acervo do DAD/COC registra a aparência dos jardins em seu conjunto. O muro e portão de acesso integram o conjunto, e destaca-se na superfície do gramado do canteiro frontal do pavilhão um canteiro, que por estreito e irregular sem apresentar um traçado característico, supostamente, não deveria fazer parte da composição paisagística formada por duas partes. A primeira é composta por uma superfície ampla de gramado com um canteiro ameboide pontuado por arbustos. A segunda é um canteiro na forma de rotunda configurado por uma série de manchas de forrações e folhagens. Oito árvores, disposta simetricamente circundam o canteiro.



Fonte: DAD/COC/FIOCRUZ, 1966.



Fonte: O Globo, s/data [ca.1960]

Década de 1970

1970- Criação da Fundação Oswaldo Cruz

c. 1972 – Uma fotografia aérea analisada do acervo do DAD/COC (ca.1972) mostra os montantes de terra de aterro implantados no terreno do Instituto e a área do Prédio da Delegacia de Saúde recém-inaugurado (1972), registra que o jardim frontal passou a ser cortado por uma via de circulação para veículos em terra batada.



Fonte: DAD/COC/FIOCRUZ

c.1975 - As fotografias analisadas no acervo do DAD/COC registram a aparência dos jardins no final da década de 1970 e meados da década de 1980. O canteiro em rotunda é cortado por um caminho longitudinal marcado por meio fio pintado em cor clara. Os pilotis do pavilhão também foram pintados à meia altura e eram utilizados como vagas de garagem. O limite do canteiro frontal com o pavilhão recebeu uma bordadura, bem como uma solução similar foi utilizada nos canteiros do entorno imediato.



Fonte: DAD/COC/FIOCRUZ

Década de 1980

1989 – Elaboração de um projeto coordenado pela Prefeitura da Fiocruz previa a reforma geral do pavilhão e seu entorno imediato (COELHO; ANDRADE, 2012). Apesar de não possuímos informações sobre a execução da obra, as plantas de levantamento desse projeto são importantes registros de como o edifício se encontrava no final da década de 1980. É possível identificar na planta de situação uma representação, além do canteiro em ameboide conhecido, de uma linha limitadora marcada do jardim frontal. Também são localizados os elementos arbóreos existentes até então.



Vista do muro da Av. Brasil. Destaca-se o uso de estacionamento ao redor do pavilhão e sob os pilotis.

Fonte: Arquivo Noronha Santos/IPHAN.

Década de 1990

1991- Elaboração de um projeto coordenado pela Prefeitura da Fiocruz de reforma/restauração do pavilhão (COELHO; ANDRADE, 2012). Esse projeto foi parcialmente executado. A pavimentação externa foi completamente modificada. A nova solução foi composta por faixas em diagonal (partindo dos

pilares) em pedra portuguesa branca, intercaladas por placas de cimentado. O acabamento em todo o perímetro da edificação foi ornamentado por uma faixa de pedra portuguesa. A proposta de adaptação contemplou também o projeto paisagístico. Entre as soluções propostas, foram executadas o plantio de novas árvores no canteiro em forma de rotunda e a criação de duas fileiras de árvores contíguas ao muro da Av. Brasil. Também foi incluída a construção de uma jardineira sob a projeção da laje do segundo piso para coletar a água pluvial (pingadeira).

Década de 2000

O canteiro em rotunda do pátio foi transformado em uma praça – a Praça César Pinto - e recebeu passeio em cimento com meio fio de granito, revestimento em argila expandida e mobiliário urbano (bancos). Já a cobertura gramada do jardim do canteiro voltado para a Avenida Brasil, que já havia sido cortado por uma via não formal de veículos, recebeu uma cerca-viva arbustiva que forma uma barreira física e visual. Parte do canteiro em forma ameboide, que permaneceu, teve recebido a caixa da iluminação monumental do painel superior.

Década de 2010



Aparência da composição no início da década de 2010. Fonte: DPH/COC/Fiocruz, 2011.

2. Composição Paisagística do LAFA

A. IDENTIFICAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

Outras denominações: Jardins do Pavilhão Henrique Aragão; Gleba 08 - canteiro 03 (Dirac/Fiocruz)

Tipologia: Jardim associado a edificação de saúde

Estilo: Composição paisagística modernista

Endereço: Avenida Brasil, nº 4.365, Manguinhos

Área: 1.391,72m²

Autor: Ramiro Pereira. Paisagista integrante da equipe da Divisão de Obras do Ministério de Educação e Saúde (MES).

B. DADOS HISTÓRICOS

O Pavilhão Henrique Aragão foi construído para abrigar as instalações de um laboratório para a preparação de vacinas contra a febre amarela e varíola em 1955. Foi implantado em um terreno plano em uma área fortemente arborizada, na vizinhança do Caminho Oswaldo Cruz e do Pombal – remanescentes do início do século XX. O laboratório não estava vinculado ao IOC, mas mesmo assim foi implantado no terreno ocupado por essa instituição.

O primeiro local escolhido para a construção do laboratório foi localizado no bairro de Vila Isabel (Rio de Janeiro), mas por iniciativa de Francisco da Silva Laranja, diretor do Instituto Oswaldo Cruz, o empreendimento foi transferido para Manguinhos.

Desde 1957 funciona como laboratório de vacina contra febre amarela. A inauguração do Laboratório de Febre Amarela no Instituto Oswaldo Cruz foi um importante marco para a saúde pública e de política sanitária. Sua construção foi possível por causa do acordo de cooperação internacional (1942) entre o governo brasileiro e governo dos EUA (Instituto de Assuntos Interamericanos / IIAA) no campo da saúde.

Sua importância foi reconhecida pelo Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro (2000). No entorno da edificação foram construídos anexos, mas estes, por estarem afastados, não interferem na visibilidade do bem.

A autoria do tratamento paisagístico do entorno imediato (data de 1957) é de Ramiro Pereira, integrante da equipe da Divisão de Obras do Ministério de Educação e Saúde (MES).

C. DESCRIÇÃO

Descrição do conjunto: Um pequeno jardim frontal ao pavilhão, com espelho d'água em forma ameboide, um recanto de traçado sinuoso nos fundos e um canteiro lateral integram a composição na atualidade. O levantamento fotográfico pesquisado registra na década de 1960 a existência desse lago frontal e canteiros com forrações e arbustos. A edificação está imersa em uma densa área verde que acompanha a formação do campus Fiocruz Manguinhos.

Espécies arbóreas significativas: Figueiras (*Ficus microcarpa*)

Fauna: Podem ser observados insetos variados (borboletas; besouros; e mosquitos) e pequenos mamíferos (cachorros, gatos e ratos). Segundo levantamento realizado no final da década de 1990 (CHACEL: 1996) a área do *campus* Fiocruz Manguinhos abrigava aves (gavião-carrapateiro; maritaca; gavião-carijó; sabiá-laranjeira; tico-tico; bem-ti-vi; tiê-sangue; sanhaço; beija-flor; cambacica; cambaxirra; rolinha; pardal; trinca-ferro; bico-de-lacre; siriri; tizil;

canário da terra; coleiro; avinhado/curió; viuvinha; e coruja-buraqueira), répteis (conra limpa campo; calango; teju; lagartixa; e anfisbena), anfíbios (sapo; e rã) e mamíferos (gambá; morcego; sagui; e rato).

Atributos: Valor histórico e artístico.

Bem de interesse para preservação reconhecido pelo DPH como jardim histórico.

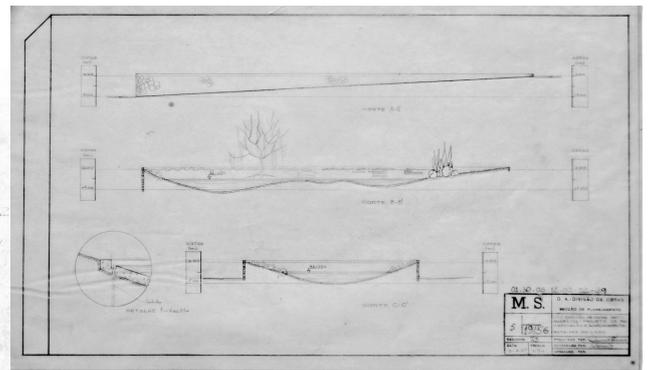
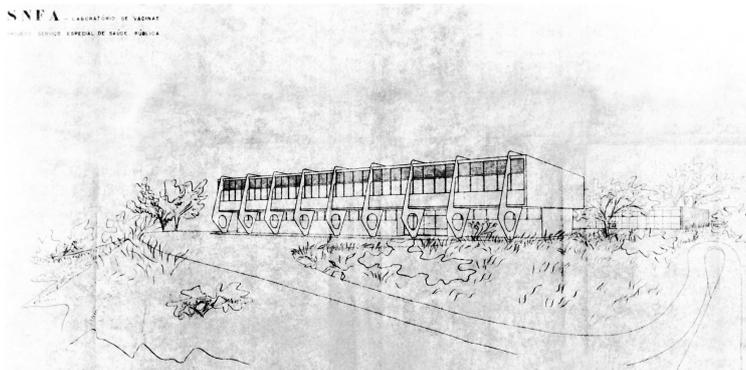
Elementos característicos: Espelho d'água em forma ameboide; Paginação externa (pedra e placas cimentícias); Canteiro na lateral na fachada sul; Recanto de estar com traçado sinuoso; Barreiras verdes (bosques) nas áreas limítrofes.

D. ELENCO VEGETAL

Arbustos eretos pontuam o canteiro lateral (*Cordyline terminalis* e *Dracena marginata*) e forração em lambari-roxo (*Tradescantia zebrina*). A vegetação aquática não existe mais.

E. QUADRO TEMPORAL

Década de 1950



Projeto de Roberto Nadalutti para o Pavilhão Henrique Aragão. Projeto de Ramiro Pereira do lago de 1957. Fonte: DAD/COC/FIOCRUZ



A edificação foi projetada em 1955 pelo arquiteto Roberto Nadalutti, da Divisão de Engenharia do Serviço Especial de Saúde Pública, com financiamento do Instituto de Assuntos Interamericanos (IAIA), e inaugurada em 1960. Fonte: DAD/COC/FIOCRUZ

Década de 1960



A pesquisa à fotos de época registram no início da década de 1960 a aparência do lago frontal e canteiros com forrações e arbustos. Fontes: Arquivo Noronha Santos/IPHAN e DAD/COC/FIOCRUZ

Década de 1970



Foto aérea da década de 1970 (ca. 1972) indica a cobertura vegetal do entorno imediato do pavilhão. Nota-se a ausência de grupos de figueiras no declive lateral e no contorno do lago. A imagem corrobora com relato oral informal do técnico de laboratório Sr. Cláudio, dada a equipe do DPH e COGIC em ocasião de vistoria em 2012, de que a espécie foi plantada por um funcionário do Lafa na década de 1970.
Fonte: DAD/COC/FIOCRUZ

Década de 2000



Aparência da composição na década de 2000, destaque para o lago em funcionamento. Fonte: DPH/COC/Fiocruz.

Década de 2010



Aparência da composição em 2012, destaque para a permanência do traçado – formação de estar. Fonte: DPH/Fiocruz.

3. RECOMENDAÇÕES

A Carta de Florença (1981) estabelece os quatro trabalhos possíveis em jardins históricos como sendo a manutenção, a conservação, o restauro e a reconstrução. O documento traz uma distinção dos limites dos trabalhos de restauro e de reconstrução.

Artigo 16.

O trabalho de restauro deve respeitar as sucessivas fases da evolução do jardim em questão. Em princípio, não se deve dar precedência a nenhum período sobre outro, exceto em casos excepcionais, quando o grau de destruição e de danos que afetam algumas partes de um jardim sejam tais que seja decidido reconstruírem-se essas partes, com base nos vestígios que sobreviveram ou em evidências documentais indiscutíveis. Esse trabalho de reconstrução pode ser executado, especialmente, nas partes do jardim situadas mais perto do edifício nele contido, para se fazer sobressair o significado dessas partes do conjunto.

Artigo 17.

Quando um jardim tiver desaparecido completamente, ou quando não existirem mais do que evidências conjecturais sobre as suas sucessivas fases, não pode ser considerada uma sua reconstrução como sendo um jardim histórico (Carta de Florença, 1981. Apud. CURY, 2000).

No documento nacional da Carta de Juiz de Fora (2010), que traz recomendações de preservação de jardins históricos no caso brasileiro, são identificados quatro tipos básicos de intervenções em jardins: a revitalização, a restituição (substituindo o termo reconstrução), a restauração e a manutenção. Esses tipos, apesar de distintos, podem ser complementares.

No documento nacional o termo **revitalização** é definido enquanto “[...] a reutilização de um bem cultural e sua adaptação a novos usos, observando aquilo que lhe é essencial” (Carta de Juiz de Fora, 2010:10). Já o termo **restituição** é “[...] o conjunto de operações que visam a recuperar as condições originais do bem cultural e do espírito de uma época, o que se pode obter mediante a remoção de partes espúrias ou reconstituição de elementos supostamente originais degradados ou que estejam faltando” (Carta de Juiz de Fora, 2010:10), através de documentação sólida e minuciosa. A **restauração** é encarada enquanto uma ação que “[...] visa garantir a unidade e permanência no tempo dos valores que caracterizam o conjunto, por meios e procedimentos ordinários e extraordinários” (Carta de Juiz de Fora, 2010:10). Finalmente, a **manutenção** é apresentada enquanto uma ação sistemática que “[...] permite a proteção contínua da substância, do conteúdo e do entorno de um bem” (Carta de Juiz de Fora, 2010:10).

No caso dos jardins de interesse histórico do *campus* Fiocruz Manguinhos, recomenda-se que as propostas de intervenções observem:

Diretrizes gerais para as intervenções dos jardins

- Respeitar o traçado e a espacialidade existentes: o traçado é encarado como o principal articulador da leitura da espacialidade do jardim.
- Manter os parâmetros formais próprios da composição – harmonia, contraste de texturas, equilíbrio, ênfase, sequência e escala.
- Manter a unidade nos planos delimitadores do espaço.

Diretrizes específicas para o Jardim do Arthur Neiva:

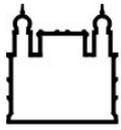
Identificação dos elementos essenciais dos jardins:
<ul style="list-style-type: none">• Rodunta funciona como um ponto focal do jardim gerando um espaço intimista configurado pelos <i>pilotis</i> do pavilhão.• Superfície gramada gerando ponto focal de interesse em direção ao painel de azulejos do corpo do auditório do pavilhão• Canteiro em forma de ameboide contrastando com a superfície gramada.• Aleia de árvores pontuando o canteiro na forma de rotunda com desenho assimétrico de forrações.
Diretrizes específicas:
<ul style="list-style-type: none">• Retirar acréscimos que prejudicam a singularidade do espaço e leitura da unidade do ambiente.• As decisões sobre a introdução ou substituição de espécies vegetais devem estar coerentes com o elenco vegetal utilizado por Burle Marx.• Introduzir novos extratos vegetais pautados pelo princípio da distinguibilidade, no que tange o novo projeto da composição das manchas de forração.

Diretrizes específicas para o Jardim do Lafa:

Identificação dos elementos essenciais dos jardins:
<ul style="list-style-type: none">• Espelho d'água em forma ameboide• Paginação externa (pedra e placas cimentícias)• Canteiro na lateral na fachada sul;• Recanto de estar com traçado sinuoso;• Barreiras verdes (bosques) nas áreas limítrofes.
Diretrizes específicas:
<ul style="list-style-type: none">• Retirar acréscimos que prejudicam a singularidade do espaço e leitura da unidade do ambiente – recompor o lago.• Introduzir novos extratos vegetais pautados pelo princípio da distinguibilidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- CHACEL, Fernando. Plano Diretor Ambiental do campus da Fundação Oswaldo Cruz: agenciamento ambiental e paisagístico. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996. Vol.I.
- COELHO, Carla; ANDRADE, Inês. Caderno de subsídios – pesquisa Histórica – Pavilhão Arthur Neiva. Rio de Janeiro: Departamento de Patrimônio Histórico/COC/Fiocruz, 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL (IBAM). Plano de Ocupação da área de Preservação do campus Fiocruz Manguinhos. Rio de Janeiro: IBAM; Fiocruz, 2011.
- MOREIRA, Daniel; ZOUAIN, Rosana; CORTIZO, Barbara. Consolidação da caracterização e relevância do Pavilhão Arthur Neiva e proposta preliminar de usos - Plano Diretor do Pavilhão Arthur Neiva. Rio de Janeiro: Departamento de Patrimônio Histórico/COC/Fiocruz, 2013.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

OLIVEIRA, Benedito Tadeu de. (Coord.); COSTA, Renato da Gama-Rosa; PESSOA, Alexandre José de Souza. Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos. RJ: Editora Fiocruz, 2003. (Coleção História e Saúde).

ARQUIVOS CONSULTADOS:

Arquivo do DAD/COC/Fiocruz

Arquivo Noronha Santos/ IPHAN